

NORA ROBERTS

TESOUROS ESCONDIDOS



*Para a mamã,  
porque ela adora bugigangas e uma boa pechincha*



## PRÓLOGO

Ele não queria estar ali. Não, ele odiava estar preso na elegante casa antiga e ser incomodado por fantasmas inquietos. Já não bastava cobrir a mobília com lençóis, trancar as portas e sair. Tinha de a esvaziar para se livrar de alguns dos pesadelos.

— Subcomissário Skimmerhorn?

Jed ficou tenso ao ouvir o título. Desde a semana anterior que não era subcomissário. Demitira-se da polícia, entregara o distintivo, mas já estava cansado de o explicar. Desviou-se quando dois homens passaram escada abaixo com um armário de pau-rosa, atravessaram o grande hall e saíram para a manhã fria.

— Sim?

— Se calhar é melhor verificar lá em cima para se certificar de que já retirámos tudo o que queria. Se assim for, acho que já acabámos por aqui.

— Ótimo.

Mas ele não queria subir aquelas escadas nem percorrer aqueles quartos. Mesmo vazios, conteriam demasiado. *Responsabilidade*, reflectiu ele enquanto subia relutantemente a escadaria. A sua vida estivera demasiado cheia de responsabilidades para ignorar uma naquele momento.

Algo o impeliu a percorrer o corredor em direcção ao seu antigo quarto. O quarto onde ele crescera, o quarto que continuara a habitar durante muito tempo depois de ter ficado a viver ali sozinho. Mas parou à porta quando estava quase a transpor a soleira. De mãos fechadas em punho e enfiadas

nos bolsos, esperou que lembranças o atacassem como balas furtivas.

Ele chorara naquele quarto — em segredo e com vergonha, claro. Um macho Skimmerhorn nunca revelava uma fraqueza em público. Depois, quando as lágrimas já tinham secado, ele conspirara naquele quarto. Pequenas e inúteis vinganças infantis que sempre se tinham virado contra ele.

Ele aprendera a odiar naquele quarto.

Contudo era apenas um quarto. Era apenas uma casa. Ele convencera-se disso anos antes, quando regressara já adulto para viver ali. *E não se sentira contente?*, indagava-se naquele momento. *Não tinha sido simples?*

Até Elaine.

— Jedidiah.

Ele estremeceu. E já quase retirara a mão direita do bolso para pegar numa arma que já lá não estava quando caiu em si. O gesto, e o facto de ter estado tão perdido em pensamentos mórbidos, que alguém podia ter-se aproximado por detrás dele, fê-lo lembrar-se do porquê da arma já não estar à cintura.

Ele relaxou, olhou para trás e viu a avó. Honoria Skimmerhorn Rodgers estava bem aperaltada com um casaco de peles, uns brincos discretos de diamantes nas orelhas e o cabelo branco maravilhosamente arranjado. Parecia uma matrona de sucesso de saída para almoçar no seu clube favorito. Mas os olhos, de um azul tão vívido como os dele, estavam cheios de preocupação.

— Tinha esperança de te ter convencido a esperar — disse ela calmamente, esticando o braço para colocar uma mão no braço dele.

Ele estremeceu automaticamente. Os Skimmerhorn não eram definitivamente muito físicos. — Não havia motivo nenhum para esperar.

— Mas há um motivo para isto? — Ela apontou para o quarto vazio. — Há motivo para esvaziar a nossa casa, para pôr de lado todos os nossos pertences?

— Nada nesta casa me pertence.

— Isso é absurdo. — O ténue sussurro do sotaque nativo de Bóston invadiu-lhe a fala.

— Porquê? — Ele virou-se de costas para o quarto e de frente para ela. — Porque por acaso ainda estou vivo? Não, obrigado.

Se ela não estivesse tão preocupada com ele, a resposta brusca ter-lhe-ia valido uma estrondosa reprimenda. — Meu querido, não é essa a questão. — Ela viu-o fechar-se, isolar-se, e tê-lo-ia abanado se isso pudesse ajudar. Em vez disso, tocou-lhe na face. — Só precisas de algum tempo.

O gesto deixou os músculos dele tensos. Foi precisa toda a força de vontade para não se afastar dos dedos suaves. — E esta é a minha forma de o ter.

— Saindo da casa de família?

— Família? — Ele riu-se, e o som ecoou sordidamente pelo corredor. — Nós nunca fomos uma família. Nem aqui nem em lado nenhum.

Os olhos dela, anteriormente compassivos, endureceram. — Fingir que o passado não existe é tão mau como viver nele. O que estás a fazer aqui? A deitar fora tudo o que ganhaste, tudo o que fizeste de ti? Talvez eu não tenha gostado muito da tua escolha profissional, mas foi a tua escolha e foste bem-sucedido. Parece-me que fizeste mais pelo nome Skimmerhorn

quando foste promovido a subcomissário do que todos os teus antepassados fizeram com o dinheiro e o poder social.

— Eu não me tornei polícia para promover o meu maldito nome.

— Não — disse ela tranquilamente. — Fizeste-o por ti contra uma pressão familiar tremenda, incluindo a minha. — Ela afastou-se dele para percorrer o corredor. Ela vivera ali em tempos, anos antes enquanto noiva. Uma noiva infeliz. — Vi-te virar a vida do avesso e fiquei espantada porque sabia que só o estavas a fazer por ti. Perguntei-me muitas vezes como é que tinhas força suficiente para isso.

Voltando-se para trás, Honoria examinou-o, aquele filho do seu filho. Ele tinha herdado a boa aparência dos Skimmerhorn. Cabelo castanho-claro, despenteado pelo vento, caía em volta de um rosto de traços bem definidos que estava tenso com stress. Ela preocupava-se, como era típico das mulheres, por ele ter perdido peso, embora assim os traços se tornassem ainda mais salientes. Havia força no corpo alto de ombros largos, que tanto acentuava como contrastava com a romântica beleza masculina de pele dourada e boca sensível. Os olhos, de um intenso azul profundo, tinha herdado dela. Estavam naquele momento tão amedrontados e provocadores como outrora no menino agitado de que ela tão bem se lembrava.

Mas ele já não era um menino, e ela tinha medo de que houvesse pouco a fazer para ajudar o homem.

— Não quero ver-te de novo viraes a tua vida de pernas para o ar pelos motivos errados. — Abanou a cabeça, caminhando de novo para junto dele antes que ele pudesse falar. — Posso ter tido algumas reservas quando te mudaste sozinho para cá depois da morte dos teus pais, mas também isso foi

opção tua. E, durante algum tempo, parecia que tinhas novamente feito a escolha certa. Mas desta vez a tua solução para uma tragédia é venderes a casa e deitar fora a tua carreira?

Ele esperou um segundo. — Sim.

— Tu desiludes-me, Jedidiah.

A afirmação magoou-o. Era uma frase que ela raramente usava e que tinha mais força do que uma dúzia dos terríveis insultos do pai. — Prefiro desiludi-la do que ser responsável pela vida de um só polícia. Não estou em condições de comandar. — Ele olhou para as próprias mãos e flectiu-as. — E talvez nunca mais venha a estar. E quanto a esta casa, já devia ter sido vendida há muitos anos. Depois do acidente. E teria sido vendida se a Elaine tivesse concordado. — Alguma coisa prendeu-se-lhe na garganta. A culpa era tão amarga como biliar. — Agora ela também se foi e a decisão é minha.

— Sim, é tua — concordou ela. — Mas é a errada.

A cólera fervilhava no sangue dele. Ele queria bater em alguma coisa, em alguém, bater até fazer sangue nos punhos. Era um sentimento que surgia demasiadas vezes. E por causa disso, ele já não era o subcomissário J. T. Skimmerhorn do Departamento da Polícia de Filadélfia, mas um civil.

— Não compreende? Não posso viver aqui. Não consigo dormir aqui. Preciso de sair. Estou a asfíxiar aqui.

— Então volta para casa comigo. Para passar o Natal. Pelo menos até ao Ano Novo. Dá-te um pouco mais de tempo antes de fazeres algo irreversível. — A voz dela era novamente suave quando segurou nas mãos rígidas do neto. — Jedidiah, já faz meses que a Elaine... desde que a Elaine foi assassinada.

— Eu sei há quanto tempo foi. — Sim, ele sabia o exacto momento da morte da irmã. Afinal, ele é que a matara. —



Agradeço o convite, mas tenho outros planos. Vou ver um apartamento ainda hoje. Na South Street.

— Um apartamento. — O suspiro de Honoria transbordava irritação. — Realmente, Jedidiah, não há necessidade desse tipo de absurdo. Compra outra casa, se assim entenderes, tira umas férias prolongadas, mas não te enterres num espaço miserável.

Ele ficou surpreendido por conseguir sorrir. — O anúncio dizia que era tranquilo, atraente e bem localizado. Isso não me parece miserável. Avó — apertou-lhe as mãos antes que ela pudesse discutir —, deixe estar.

Ela suspirou de novo, sentindo a derrota. — Só quero o que é melhor para ti.

— Sempre quis. — Ele reprimiu um arrepio, sentindo as paredes fechando-se sobre ele. — Vamos sair daqui para fora.

## 1.

Um teatro sem assistência tem a sua magia peculiar. A magia das possibilidades. As vozes ressoantes dos actores ensaiando textos, as deixas das luzes, os fatos, a energia nervosa e os egos desmedidos que ressaltam do palco até à última fila vazia.

Isadora Conroy absorvia a magia do teatro dos bastidores do Liberty Theatre, enquanto assistia a um ensaio geral para *Um Cântico de Natal*. Como sempre, ela apreciava o drama, não apenas de Dickens, mas também o drama dos nervos à flor da pele, da iluminação criativa, dos papéis bem desempenhados. Afinal, o teatro estava-lhe no sangue.

Havia uma vibração que pulsava dela mesmo em repouso. Os enormes olhos castanhos cintilavam de entusiasmo e pareciam dominar o rosto emoldurado por uma ondulação de cabelo castanho-dourado. O entusiasmo trazia rubor à pele clara e um sorriso à boca larga. Era um rosto de ângulos subtis e curvas suaves, algures entre o saudável e o encantador. A energia dentro do seu corpo pequeno e compacto extravasava.

Ela era uma mulher interessada em tudo o que a rodeava, que acreditava em ilusões. Ao ver o pai chocalhando as correntes de Jacob Marley e a entoar predições terríveis ao apavorado Scrooge, ela acreditava em fantasmas. E, porque acreditava, ele já não era o seu pai, mas o sovina maldito envolto para toda a eternidade nas pesadas correntes da própria cobiça.

Então Marley transformou-se de novo em Quentin Conroy, actor veterano, director e entusiasta de teatro, pedindo uma pequena alteração nos movimentos das personagens.

— Dora. — Aproximando-se por detrás, a irmã de Dora, Ophelia, disse: — Já estamos vinte minutos atrasadas.

— Nós não temos horário para cumprir — murmurou Dora, acenando com a cabeça porque a alteração de movimentos estava perfeita. — Eu nunca tenho horários em viagens de compras. Ele não é maravilhoso, Lea?

Embora o seu sentido de organização fosse um pouco mau, Lea olhou para o palco e estudou o pai. — Sim. Embora só Deus saiba como é que ele aguenta fazer esta produção ano após ano.

— Tradição. — Dora sorriu. — O teatro está enraizado em tradição. — Deixar o palco não tinha diminuído o amor dela pela representação, nem a admiração pelo homem que a ensinou a analisar uma fala. Ela vira-o tornar-se centenas de homens em palco. Macbeth, Willie Loman, Nathan Detroit. Ela vira-o triunfar e vira-o fracassar. Mas ele entretinha sempre.

— Lembras-te da mamã e do papá a fazerem de Titânia e de Oberon?

Lea revirou os olhos, mas estava a sorrir. — Quem poderia esquecer? A mamã agarrou-se à personagem durante semanas. Não foi fácil viver com a rainha das fadas. E se não sairmos depressa daqui, a rainha vai aparecer e enumerar todas as coisas que podem acontecer a duas mulheres que viajam sozinhas para a Virgínia.

Notando os nervos e a impaciência da irmã, Dora pôs um braço por cima dos ombros de Lea. — Relaxa, querida. Tenho-a controlada, e ele vai fazer uma pausa dentro de um minuto.

Que ele fez, na hora H. Quando os actores dispersaram, Dora subiu para o palco. — Papá. — Ela observou-o atentamente, da cabeça aos pés. — Foste maravilhoso.

— Obrigado, querida. — Ele levantou um braço, fazendo

esvoaçar a mortalha esfarrapada. — Acho que a maquilhagem está melhor do que no ano passado.

— Sem dúvida. — Na verdade, a maquilhagem de palco e o carvão estavam alarmanamente realistas; a cara atraente parecia quase em decomposição. — Totalmente medonha. — Ela beijou-o ao de leve nos lábios, com cuidado para não esboratar. — Desculpa não podermos assistir à estreia desta noite.

— Não há nada que se possa fazer. — Mas Quentin fez um beicinho. Embora ele tivesse um filho para continuar a tradição dos Conroy, perdera as duas filhas: uma para o casamento e outra para a livre iniciativa. Mas ele conseguia persuadi-las ocasionalmente a desempenharem pequenos papéis. — Com que então as minhas duas pequeninas vão partir à aventura.

— É uma viagem para compras, papá, e não uma viagem à Amazónia.

— É a mesma coisa. — Ele piscou o olho e deu um beijo a Lea. — Cuidado com as cobras.

— Oh, Lea! — Trixie Conroy, resplandecente no seu fato completo com saiote e chapéu de penas, saiu rapidamente do palco. A excelente acústica do Liberty levou a voz rouca até ao segundo-balcão. — O John está ao telefone, querida. Ele não conseguia lembrar-se se a Missy tinha uma reunião de escuteiros hoje às cinco ou uma aula de piano às seis.

— Eu deixei uma lista — resmungou Lea. — Como é que ele vai tomar conta dos miúdos durante três dias se não consegue ler uma lista?

— É um homem tão doce — comentou Trixie quando Lea saiu apressada. — O genro perfeito. Bem, Dora, vais conduzir com cuidado?

— Sim, mãe.

— Claro que vais. És sempre cuidadosa. Não vais dar boleia a ninguém?

— Nem que me supliquem.

— E vais parar de duas em duas horas para descansares os olhos?

— Como um relógio.

Uma ansiosa inveterada, Trixie mordeu o lábio inferior. — Mesmo assim, a Virgínia fica muito longe. E pode nevar.

— Eu tenho pneus de neve. — Para evitar mais especulação, Dora deu outro beijo à mãe. — A carrinha tem telefone, mãe. Eu ligo de cada vez que atravessarmos uma fronteira estadual.

— Não vai ser divertido? — A ideia animou tremendamente Trixie. — Oh, e Quentin, querido, acabei de vir da bilheteira. — Fez uma vénia ao marido. — Estamos esgotados durante a semana toda.

— Naturalmente. — Quentin levantou a mulher do chão e fê-la rodopiar graciosamente. — Um Conroy não espera menos do que apenas lugares em pé.

— Parte uma perna. — Dora beijou a mãe uma última vez. — E tu também — disse ela a Quentin. — E, papá, não te esqueças de que vais mostrar o apartamento hoje à tardinha.

— Eu nunca esqueço um compromisso. Aos lugares! — gritou ele, piscando depois o olho à filha. — Boa viagem, minha querida.

\*

Do ponto de vista de Dora, uma casa de leilões era muito parecida com um teatro. Havia o palco, os adereços, as persona-

gens. Tal como explicara anos antes aos pais perplexos, ela não ia realmente deixar o palco. Ia simplesmente explorar outro meio. Ela fazia certamente bom uso da veia de actriz sempre que era hora de comprar ou vender.

Dora já examinara cuidadosamente a arena para a acção desse dia. O edifício onde Sherman Porter fazia os seus leilões e uma feira da ladra diária tinha originalmente sido um matadouro e ainda era arejado como um celeiro. A mercadoria era disposta num chão de betão frio onde outrora vacas e porcos tinham mugido e grunhido. Agora os humanos, envoltos em casacos e cachecóis, deambulavam, tocando objectos de vidro, observando quadros e debatendo sobre vitrinas com porcelanas e cabeceiras de cama entalhadas.

O ambiente era um pouco estranho, mas ela já tinha trabalhado em ambientes menos auspiciosos. E, é claro, havia uma razão para tal.

Isadora Conroy adorava uma pechincha. As palavras «para venda» faziam-na vibrar. Ela sempre adorara comprar e achava a troca básica de dinheiro por objectos profundamente satisfatória. Tão satisfatória que trocava demasiadas vezes dinheiro por objectos sem utilidade para ela. Mas fora aquele amor por uma pechincha que levava Dora a abrir a própria loja e à descoberta subsequente de que vender era tão agradável como comprar.

— Lea, olha para isto. — Dora virou-se para a irmã estendendo uma leiteira dourada em forma de um sapato de cerimónia de mulher. — Não é fabulosa?

Ophelia Conroy Bradshaw deu uma vista de olhos e levantou uma única sobrancelha castanho-dourada. Apesar do

nome sonhador, aquela era uma mulher com os pés assentes na terra. — Acho que queres dizer frívola, certo?

— Vá lá, vê para lá da estética óbvia. — Olhando, Dora passou um dedo pelo arco do sapato. — Há um lugar no mundo para o ridículo.

— Eu sei. A tua loja.

Dora riu por entredentes, nada ofendida. Embora tenha voltado a pôr o recipiente no lugar, ela já se tinha decidido a oferecer um lanço sobre aquele lote. Tirou um caderno de apontamentos e uma caneta que ostentava um Elvis de guitarra para anotar o número. — Estou mesmo contente por teres vindo comigo nesta viagem, Lea. Obrigas-me a manter a cabeça no lugar.

— Alguém tem de o fazer. — A atenção de Lea foi desviada para uma montra de vidros coloridos. Havia duas ou três peças em âmbar que seriam um bom complemento para a sua colecção. — Ainda assim, sinto-me culpada por estar longe de casa quase no Natal. Deixar o John com os miúdos daquela maneira.

— Tu estavas mortinha para te afastares dos miúdos — lembrou-lhe Dora enquanto inspeccionava um toucador em cerejeira.

— Eu sei. É por isso que me sinto culpada.

— A culpa é uma coisa boa. — Atirando uma ponta do cachecol vermelho sobre o ombro, Dora agachou-se para verificar o trabalho nos puxadores de bronze do toucador. — Querida, só passaram três dias. Estamos praticamente de regresso. Vais chegar a casa esta noite e asfixiar os miúdos com atenção, seduzir o John e todos ficarão felizes.

Lea revirou os olhos e sorriu fracamente para o casal ao

seu lado. — Acho que tu resumes tudo ao mínimo denominador comum.

Com um grunhido de satisfação, Dora endireitou-se, desviou do rosto o cabelo que lhe dava pelo queixo e anuiu com a cabeça. — Acho que já vi o suficiente.

Quando olhou para o relógio, percebeu que estava na hora de subir o pano da matiné em Filadélfia. *Bem*, pensou, *havia espectáculos e espectáculos*. Só lhe faltava esfregar as mãos de expectativa pela abertura do leilão.

— É melhor sentarmo-nos antes que eles... oh, espera! — Os olhos castanhos iluminaram-se. — Olha para aquilo!

Quando Lea se virou, Dora já estava a correr pelo chão de betão.

Era o quadro que tinha captado a atenção dela. Não era grande, talvez quarenta e cinco por sessenta centímetros com uma simples moldura de ébano. A tela era uma aguarela de cores, linhas e traços carmesim e safira, um pedaço citrino e uma ousada mancha esmeralda. O que Dora via era energia e verve, tão irresistíveis para ela como uma etiqueta de saldos.

Dora sorriu para o rapaz que o estava a encostar à parede. — Está a pô-lo de cabeça para baixo.

— Como? — O rapaz do armazém virou-se e corou. Tinha dezassete anos, e a visão de Dora sorrindo para ele reduziu-o a uma poça de hormonas. — Ah... não, senhora. — A maçã de Adão oscilava freneticamente enquanto ele voltava a tela ao contrário para mostrar o gancho atrás.

— Hum. — Quando fosse dela, que era o que aconteceria certamente no final da tarde, iria resolver aquilo.

— Este... ah... carregamento acabou de chegar.

— Estou a ver. — Ela aproximou-se mais. — Umas peças



interessantes — disse ela, pegando numa estátua de um *basset hound* de olhos tristes enrolado numa pose de descanso. Era mais pesado do que parecia à primeira vista, mas ela virou-o algumas vezes para um exame mais minucioso. *Não havia marca do artesão nem data*, pensou. Mas o trabalho era excelente.

— Suficientemente frívolo para ti? — perguntou Lea.

— O bastante. Dava um magnífico travão de porta. — Depois de o pousar, pegou numa estatueta alta de um homem e de uma mulher apanhados no rodopio de uma valsa. A mão de Dora fechou-se sobre dedos espessos e nodosos. — Desculpe. — Ela olhou para um velhote de óculos que lhe fez uma vénia rangente.

— Bonita, não é? — perguntou-lhe ele. — A minha mulher tinha uma igualzinha. Foi destruída quando os miúdos estavam à briga na sala de estar. — O velhote sorriu, revelando dentes demasiado brancos e direitos para serem naturais. Ele usava um laço vermelho e cheirava a hortelã-pimenta. Dora sorriu em resposta.

— Faz colecção?

— De certa forma. — Ele pousou a estatueta, e os olhos velhos e enrugados perscrutaram a exibição, avaliando, catalogando, rejeitando. — Sou Tom Ashworth. Tenho uma loja aqui em Front Royal. — Tirou um cartão de visita do bolso do peito e ofereceu-o a Dora. — Já acumulei tanta coisa ao longo dos anos que dava para abrir uma loja ou comprar uma casa maior.

— Sei o que quer dizer. Sou Dora Conroy. — Dora estendeu uma mão e viu-a envolvida num aperto rápido e artrítico. — Tenho uma loja em Filadélfia.

— Logo vi que era uma profissional. — Agradado, ele pis-

cou o olho. — Percebi imediatamente. Acho que nunca a tinha visto num dos leilões do Porter.

— Não, nunca pude vir. Na verdade, esta viagem foi um impulso. Arrastei a minha irmã comigo. Lea, Tom Ashworth.

— Prazer em conhecê-lo.

— O prazer é meu. — Ashworth deu umas palmadinhas na mão gelada de Lea. — Nunca aquece por aqui nesta altura do ano. Acho que o Porter pensa que os lanços vão aquecer um pouco as coisas.

— Espero que ele tenha razão. — Os dedos dos pés de Lea pareciam congelados dentro das botas de camurça. — Está neste negócio há muito tempo, senhor Ashworth?

— Há quase quarenta anos. A minha mulher é que começou, fazendo paninhos e lenços em croché e vendendo-os. Depois juntou alguns bibelôs e ampliou o negócio. — Ele tirou um cachimbo de carolo de milho do bolso e segurou-o entre os dentes. — Em mil novecentos e sessenta e três já tínhamos mais *stock* do que conseguíamos guardar e alugámos uma loja na vila. Trabalhámos lado a lado até ela falecer na Primavera de oitenta e seis. Agora tenho um neto a trabalhar comigo. Tem muitas ideias extravagantes, mas é um bom menino.

— Os negócios de família são os melhores — disse Dora. — A Lea começou há pouco tempo a trabalhar em *part-time* na loja.

— Só Deus sabe porquê. — Lea enfiou as mãos geladas nos bolsos do casaco. — Não percebo nada de antiguidades nem de objectos de colecção.

— Só tem de perceber o que as pessoas querem — disse-lhe Ashworth, acendendo um fósforo. — E quanto pagarão por isso — acrescentou ele antes de acender o cachimbo.

— Exactamente. — Encantada com ele, Dora enfiou-lhe uma mão no braço. — Parece que vamos começar. Porque não vamos sentar-nos?

Ashworth ofereceu o outro braço a Lea e, sentindo-se muito importante, acompanhou as mulheres até às cadeiras perto da primeira fila.

Dora pegou no caderno de anotações e preparou-se para desempenhar o seu papel favorito.

A oferta era baixa, mas certamente energética. As vozes ressoavam no tecto alto à medida que os lotes eram anunciados. Mas era a multidão murmurante que incendiava o sangue de Dora. Havia pechinchas ali, e ela estava determinada a assegurar a sua parte.

Cobriu o lança de uma mulher magra de olhar sisudo para o toucador de cerejeira, açambarcou o lote que incluía a leiteira/sapato por uma ninharia e competiu energicamente com Ashworth por um conjunto de saleiros de cristal.

— Venceu-me — disse ele quando Dora cobriu mais um dos seus lanços. — De certeza que vai conseguir um pouco mais por eles lá no Norte.

— Tenho um cliente que colecciona — disse-lhe Dora. *E que pagaria o dobro do custo de compra*, pensou ela.

— Ai sim? — Ashworth aproximou-se mais dela quando começou o leilão do lote seguinte. — Eu tenho um conjunto de seis na loja. De cobalto e prata.

— A sério?

— Se tiver tempo, apareça depois disto para dar uma vista de olhos.

— Sou capaz de fazer isso. Lea, faz as ofertas para os vidros translúcidos coloridos.

— Eu? — Com o horror estampado nos olhos, Lea olhou de boca aberta para a irmã.

— Claro. — Sorrindo, Dora inclinou a cabeça em direcção a Ashworth. — Observe.

Como Dora esperava, Lea começou com lanços hesitantes que mal se faziam ouvir ao leiloeiro. Depois começou a chegar-se à frente no assento. O olhar dela tornou-se vítreo. Quando o lote foi vendido, ela já gritava a oferta como um sargento instrutor comandando os recrutas.

— Não é maravilhoso? — Cheia de orgulho, Dora pôs um braço sobre os ombros de Lea e apertou-a. — Ela sempre foi de compreensão rápida. É o sangue dos Conroy.

— Comprei todos. — Lea pôs uma mão sobre o coração acelerado. — Oh, Deus! Comprei o lote todo! Porque é que não me paraste?

— Quando te estavas a divertir tanto?

— Mas... mas... — Quando a adrenalina baixou, Lea sentou-se na cadeira. — Foram centenas de dólares. Centenas.

— E bem gastos. Agora, cá vamos nós. — Vendo a pintura abstracta, Dora esfregou as mãos. — Meu — disse ela suavemente.

\*

Às três da tarde Dora estava a acrescentar meia dúzia de saieiros de cobalto aos tesouros na carrinha. O vento estava a aumentar, fazendo-lhe ruborescer as faces e enfiando-se-lhe por dentro da gola do casaco.

— Cheira a neve — comentou Ashworth. Estava no

passeio em frente à loja e, com o cachimbo preso na mão, cheirava o ar. — Podem apanhar alguma antes de chegarem a casa.

— Espero que sim. — Puxando o cabelo esvoaçante para trás, Dora sorriu para ele. — O que é o Natal sem ela? Foi um prazer conhecê-lo, senhor Ashworth. — Estendeu-lhe a mão de novo. — Se for a Filadélfia, espero que apareça.

— Pode contar com isso. — Ashworth bateu ao de leve no bolso onde tinha guardado o cartão de visita dela. — Tomem cuidado, meninas. Conduzam com cautela.

— Esteja descansado. Feliz Natal.

— Igualmente — acrescentou Ashworth quando Dora entrou na carrinha.

Com um último aceno, ela ligou a carrinha e pôs a viatura em andamento. Os olhos ergueram-se até ao espelho retrovisor e ela sorriu ao ver Ashworth no passeio de cachimbo na boca e a mão erguida num aceno de despedida.

Lea tremia e esperava impacientemente que a carrinha aquecesse. — Espero que ele não te tenha levado dinheiro a mais por aqueles saleiros.

— Hum. Ele teve algum lucro, eu vou ter lucro e a senhora O'Malley vai aumentar a colecção. Todos conseguem o que querem.

— Parece que sim. Ainda não consigo acreditar que compraste aquele quadro horroroso. Nunca vais conseguir vendê-lo.

— Oh, eventualmente.

— Pelo menos só pagaste cinquenta dólares por ele.

— Cinquenta e dois dólares e setenta e cinco cêntimos — corrigiu Dora.

— Certo. — Torcendo-se no banco, Lea olhou para as caixas empilhadas na parte de trás da carrinha. — É claro que sabes que não tens espaço para esta tralha toda.

— Arranjo espaço. Não achas que a Missy ia gostar daquele carrossel?

Lea imaginou o enorme brinquedo mecânico no quarto rosa e branco da filha e estremeceu. — Não, por favor.

— Ok. — Dora encolheu os ombros. Assim que limpasse o carrossel, talvez o deixasse rodopiar na própria sala de estar durante uns tempos. — Mas eu acho que ela ia gostar. Queres ligar ao John e dizer-lhe que já estamos a caminho?

— Daqui a pouco. — Com um suspiro, Lea recostou-se. — Amanhã por esta hora vou estar a fazer biscoitos e a estender massa de tarte.

— Foste tu que quiseste — lembrou-lhe Dora. — Tinhas de casar, de ter filhos, de comprar uma casa. Onde é que a família havia de fazer o jantar de Natal?

— Não me importava se a mãe não insistisse em ajudar-me a fazer a comida. Quero dizer, ela nunca fez uma refeição de jeito na vida, certo?

— Não, que eu me lembre.

— E lá está ela, todos os Natais, na minha cozinha a acenar com uma receita para molho de alfalfa e castanhas.

— Esse era mau — recordou Dora. — Mas sempre era melhor do que as batatas de caril e o guisado de porco.

— Nem me lembres. E o papá também não ajuda, de barrete de Pai Natal a atacar o *eggnog* antes do meio-dia,

— Talvez o Will a possa distrair. Este ano vem sozinho ou com uma das queridinhas? — perguntou Dora, referindo-se à lista de namoradas do irmão.

— Sozinho, que eu saiba. Dora, cuidado com aquele camião, está bem?

— Estou a ter cuidado. — Num espírito de competição, Dora carregou no acelerador e ultrapassou o longo veículo. — Então quando é que chega o Will?

— Ele vem de comboio de Nova Iorque na noite da consuada.

— Tarde o suficiente para fazer uma grande entrada — previu Dora. — Olha se ele se meter com o teu cabelo, eu posso... oh, raios!

— O quê? — Os olhos de Lea arregalaram-se.

— Acabei de me lembrar de que o novo inquilino do apartamento em frente chega hoje.

— E depois?

— Espero que o papá se lembre de aparecer com as chaves. Ele foi um querido em mostrar o apartamento nas últimas duas semanas em que andei extremamente ocupada na loja, mas sabes como ele é esquecido quando está no meio de uma produção.

— Sei exactamente como ele é, e é por isso que não consigo compreender como pudeste deixá-lo entrevistar um inquilino para o teu prédio.

— Eu não tinha tempo — resmungou Dora, tentando calcular se teria a oportunidade de telefonar ao pai entre actuações. — Além disso, o papá queria.

— Não te admires se acabares por ficar com um psicopata a viver ao teu lado, ou uma mulher com três filhos e uma série de namorados tatuados.

Dora sorriu. — Eu disse especificamente ao papá que não queria nem psicopatas nem tatuagens. Espero que seja alguém

que saiba cozinhar e que pretenda bajular a senhoria oferecendo-me comida de forma regular. Falando nisso, queres comer?

— Sim. É melhor comer uma última refeição em que não tenha de cortar comida nenhuma a não ser a minha.

Dora virou em direcção a uma rampa de saída, passando à frente de um *Chevy*. Ignorou as buzínadelas furiosas. Tinha um sorriso no rosto ao imaginar-se desembrulhando as suas coisas novas. E prometeu a si mesma que a primeira coisa que iria fazer seria encontrar o lugar ideal para o quadro.

\*

Bem alto, na torre luminosa de um edifício prateado com vista para as ruas apinhadas de Los Angeles, Edmund Finley fazia a manicura semanal. A parede em frente à pesada secretária de pau-rosa cintilava com uma dúzia de ecrãs de televisão. CNN, *Headline News* e uma das estações de vendas brilhavam silenciosamente ao longo da parede. Outros televisores estavam sintonizados em diversos gabinetes da sua organização por forma a ele poder observar os empregados.

Mas a não ser que ele decidisse ouvir, os únicos sons no vasto gabinete eram os acordes de uma ópera de Mozart e o som suave da lima da manicura.

Finley gostava de observar.

Ele escolhera o último andar daquele edifício para que o escritório tivesse uma vista panorâmica sobre Los Angeles. Dava-lhe uma sensação de poder, de onnipotência, e ele ficava muitas vezes durante cerca de uma hora a olhar pela ampla janela atrás da secretária a estudar simplesmente a vida atarefada de estranhos.



Na sua casa nas colinas sobre a cidade havia televisores e monitores em todas as divisões. E janelas, uma vez mais janelas de onde pudesse ver as luzes da bacia de Los Angeles. Todas as noites ele saía para a varanda do quarto e imaginava ser dono de tudo, de todos, até onde a vista alcançasse.

Ele era um homem com um apetite por possessões. O seu escritório reflectia o gosto pelo refinado e pelo exclusivo. Tanto as paredes como a carpete eram de um branco imaculado para servir de pano de fundo virgem aos seus tesouros. Uma jarra *Ming* adornava um pedestal de mármore. Esculturas de Rodin e de Denaechau enchiam nichos esculpidos nas paredes. Um Renoir numa moldura dourada enfeitava a parede acima de uma cómoda *Luís XIV*. Um canapé em veludo supostamente pertencente a Maria Antonieta tinha de cada lado uma mesa de mogno da Inglaterra vitoriana.

Dois armários altos de vidro continham uma impressionante e esotérica montra de objectos de arte: frascos de rapé esculpidos em lápis-lazúli e água-marinha, *netsukes* de marfim, figuras de Dresden, caixas de Limoges, uma adaga do século XV com um cabo cravado de jóias, máscaras africanas.

Edmundo Finley adquiria. E assim que adquiria, guardava.

O seu negócio de importação e exportação era tremendamente bem sucedido. E o negócio de contrabando ainda mais. Afinal, o contrabando era um desafio maior. Exigia uma certa astúcia, um talento implacável e um gosto impecável.

Finley, um homem alto, magro, de uma aparência distinta, na casa dos cinquenta, começara a «adquirir» mercadoria na juventude trabalhando nas docas em São Francisco. Tinha sido tarefa simples desviar um contentor, abri-lo e vender o

que continha. No ano em que completara trinta anos já tinha juntado capital suficiente para fundar a sua própria companhia, esperteza suficiente para jogar forte no mercado negro e vencer, e contactos suficientes para assegurar um fluxo estável de mercadoria.

Naquele momento era um homem rico que preferia fatos italianos, mulheres francesas e francos suíços. Ele podia, após décadas de transacções, comprar aquilo que mais o atraía. O que mais o atraía era o antigo, o de valor inestimável.

— Está pronto, senhor Finley. — A manicura pousou delicadamente a mão de Finley na superfície imaculada da mesa. Ela sabia que ele iria examinar cuidadosamente o trabalho enquanto ela guardava os utensílios e as loções. Certa vez ele tinha-se enfurecido por ela ter deixado uma minúscula pele de cutícula no polegar. Mas desta vez, quando ela se atreveu a olhar para ele, ele estava a sorrir para as unhas polidas.

— Excelente trabalho. — Agradado, Finley esfregou os polegares e as pontas dos dedos umas nas outras. Tirou do bolso um clipe de ouro com dinheiro e entregou-lhe uma nota de cinquenta. Depois, com um dos raros e desarmantes sorrisos, acrescentou mais cem. — Feliz Natal, querida.

— Oh... obrigada. Muito obrigada, senhor Finley. Feliz Natal para si também.

Ainda a sorrir, ele gesticulou para que ela se retirasse. A generosidade esporádica vinha tão naturalmente como a avidez constante. Ele apreciava ambas. Antes de ela fechar a porta, ele já tinha rodopiado na cadeira e cruzado os braços sobre o peito. Através dos raios de sol, estudou a vista de Los Angeles.

*Natal*, pensou. Que época do ano maravilhosa. Uma época de benevolência para com os homens, sinos ressonantes e

luzes coloridas. Claro que era também uma época de solidão desesperada, desespero e suicídio. Mas aquelas pequenas tragédias humanas não o atingiam nem lhe diziam respeito. O dinheiro tinha-o catapultado para muito acima daquelas carências frágeis de família e de companhia. Ele podia comprar companhia. Escolhera uma das cidades mais ricas do mundo, onde tudo podia ser comprado, vendido, possuído. Ali a juventude, a riqueza e o poder eram admirados acima de tudo. Durante a mais iluminada das épocas festivas, ele tinha riqueza e tinha poder. Quanto à juventude, o dinheiro podia comprar a ilusão.

Finley perscrutou os edifícios e as janelas cintilantes com os olhos verde-claros, apercebendo-se com uma vaga sensação de surpresa de que era feliz.

A batida na porta do gabinete fê-lo virar-se enquanto dizia: — Entre.

— Senhor. — Abel Winesap, um homem baixo, de ombros descaídos com o título pesado de «Assistente Executivo do Presidente», pigarreou. — Senhor Finley.

— Sabes qual é o verdadeiro significado do Natal, Abel? — A voz de Finley era calorosa, como *brandy* quente sobre natas.

— Ah... — Winesap mexeu no nó da gravata. — Senhor?

— Aquisição. Uma linda palavra, Abel. E o verdadeiro significado desta maravilhosa época, não achas?

— Sim, senhor. — Winesap sentiu um calafrio a percorrer-lhe as costas. O que tinha para transmitir era bastante difícil. O bom humor de Finley tornava o difícil mais perigoso. — Receio que tenhamos um problema, senhor Finley.

— Oh? — O sorriso de Finley permaneceu, mas os olhos gelaram. — E o que é?

Winesap engoliu em seco. Ele sabia que a raiva fria de Finley era mais letal do que a fúria de qualquer outro homem. Tinha sido Winesap o escolhido para assistir à execução que Finley fizera de um empregado que tinha andado a desviar dinheiro. E ele lembrava-se da calma com que Finley cortara o pescoço do homem com uma adaga do século XVI.

Finley considerava que a traição merecia um castigo rápido e também alguma cerimónia.

Winesap também se lembrava, para sua infelicidade, de que fora ele quem ficara incumbido de se livrar do corpo.

Nervosamente, prosseguiu com a história: — O carregamento de Nova Iorque. A mercadoria de que o senhor estava à espera.

— Houve algum atraso?

— Não... isto é, de certa forma. O carregamento chegou hoje como era esperado, mas a mercadoria... — Humedeceu os lábios finos e nervosos. — Não é o que o senhor encomendou.

Finley pousou as mãos cuidadas na borda da secretária e os nós dos dedos embranqueceram. — Desculpa?

— A mercadoria, senhor. Não é o que foi encomendado. Aparentemente houve uma troca algures. — A voz de Winesap transformou-se numa lamúria. — Achei melhor informá-lo imediatamente.

— Onde é que está? — A voz de Finley tinha perdido o calor jovial. Era um silvo gelado.

— Na recepção, senhor. Achei...

— Trá-la imediatamente para cima.

— Sim, senhor. Agora mesmo. — Winesap saiu, grato pela prorrogação.

Finley pagara muito dinheiro pela mercadoria, e muito mais ainda para a esconder e contrabandear. Para que cada peça roubada fosse transportada dos diversos locais até à fábrica em Nova Iorque. Só em subornos tinha gasto perto de cem mil.

Para se acalmar, parou ao pé de um jarro de sumo de goiaba e serviu-se generosamente.

*E se tinha havido um erro, pensou ele, mais calmo, seria rectificado. Quem tivesse errado seria castigado.*

Pousou cuidadosamente o copo de cristal Baccarat de lado e examinou-se no espelho oval Jorge III sobre o bar. Depois passou uma mão nervosa pelo espesso cabelo escuro, admirando o brilho prateado que já se notava. A última operação plástica tinha-lhe alisado os papos debaixo dos olhos, refirmado o queixo e eliminado as rugas profundas que existiam à volta da boca.

*Não parecia ter mais de quarenta anos, decidiu Finley virando a cara de um lado para o outro para estudar e aprovar o perfil.*

Que tolo dissera que o dinheiro não podia comprar a felicidade?

A batida à porta destruiu a boa disposição. — Entre — disse bruscamente, esperando enquanto um dos recepcionistas fazia entrar uma caixa. — Põe ali. — Apontou um dedo para o centro da sala. — E sai. Abel, tu ficas. A porta — disse ele, e Winesap apressou-se a fechá-la.

Como Finley não disse mais nada, Winesap empalideceu e dirigiu-se à caixa. — Abri-a como me mandou, senhor Finley. Quando comecei a inspeccionar a mercadoria, percebi que tinha havido um engano. — Abriu cuidadosamente a caixa,

metendo a mão num mar de tiras de papel. Os dedos tremiam quando ele tirou um bule de chá de porcelana decorado com violetas minúsculas.

Finley pegou no bule, virando-o ao contrário. Era inglês, uma peça encantadora, valendo talvez uns duzentos dólares no mercado livre. Mas era produzido em massa. Milhares de bules exactamente como aquele estavam à venda pelo mundo fora. Por isso, para ele não tinha qualquer valor. Escaqueirou-o contra a borda da caixa, fazendo voar fragmentos.

— Que mais?

Estremecendo, Winesap mergulhou a mão bem fundo e retirou uma jarra de vidro.

*Italiana*, deduziu Finley ao examiná-la. Artesanal. Com um valor de cem dólares, talvez cento e cinquenta. Arremessou-a, falhando por pouco a cabeça de Winesap, esmagando-a contra a parede.

— Há... há chávenas de chá. — Os olhos de Winesap olharam para a caixa e depois para o rosto inflexível do patrão. — E algumas coisas de prata: duas travessas, uma taça. Um p-par de copos de cristal gravados com sinos.

— Onde está a minha mercadoria? — perguntou Finley, arrancando com os dedos cada palavra.

— Senhor, não posso... isto é, acho que houve... — A voz dele definhou para um sussurro. — Um erro.

— Um erro. — Os olhos de Finley eram como jade enquanto ele cerrava os punhos. *DiCarlo*, pensou ele, conjurando uma imagem do seu homem em Nova Iorque. *Jovem, inteligente, ambicioso. Mas não estúpido*, lembrou Finley a si mesmo. Não estúpido o suficiente para tentar enganá-lo. Ainda assim, ia ter de pagar, e bem, pelo seu erro.

— Liga para o DiCarlo.

— Sim, senhor. — Aliviado por a cólera de Finley estar prestes a encontrar um novo alvo, Winesap correu até à secretária para fazer a chamada.

Enquanto Winesap marcava o número, Finley esmagou fragmentos de porcelana na carpete. Metendo a mão na caixa, destruiu metodicamente o resto do conteúdo.

## 2.

Jed Skimmerhorn queria uma bebida. Ele não era esquisito quanto à bebida em si. *Whisky* que deixasse um trilho ardente na garganta, o calor sedutor do *brandy*, o gosto familiar de uma cerveja. Mas ele não ia tomar nada até acabar de carregar as caixas através da instável escada de serviço para o novo apartamento.

Não que ele tivesse assim tantos pertences. O seu antigo colega, Brent, dera-lhe uma ajuda com o sofá, o colchão e as peças de mobiliário mais pesadas. Só restavam algumas caixas de cartão cheias de livros e utensílios de cozinha e outra tralha variada. Ele não sabia ao certo porque é que ficara com tanta coisa quando teria sido mais fácil pôr tudo em armazém.

Mas ele também já não tinha a certeza de muita coisa. Não conseguia explicar a Brent, nem a ele próprio, porque é que achara tão necessário mudar-se para o outro lado da cidade, de uma enorme e antiga casa colonial para um apartamento. Tinha algo a ver com começar de novo. Mas não se podia começar de novo antes de se terminar.

Jed andava a terminar muitas coisas ultimamente.

Apresentar a sua demissão tinha sido o primeiro passo — talvez o mais difícil. O comissário de polícia tinha discutido, recusando-se a aceitar a demissão e pondo Jed com licença prolongada. *Ele não queria saber o que lhe chamavam*, reflectiu Jed. Já não era polícia. Já não podia ser polícia. A parte dele que quisera servir e proteger estava vazia.

Ele não estava deprimido, como explicara ao psiquiatra do departamento. Tinha terminado. Ele não precisava de se encontrar. Só precisava que o deixassem em paz. Ele dedicara catorze anos da vida à polícia. Tinha de bastar.

Jed abriu a porta do apartamento com o cotovelo e prendeu-a com uma das caixas que levava. Fez deslizar a segunda caixa pelo chão de madeira antes de percorrer de novo o estreito corredor em direcção aos degraus exteriores que serviam de entrada.

Não ouvira um pio do vizinho que vivia em frente. O velho excêntrico que lhe alugara o apartamento tinha dito que o outro apartamento estava ocupado por um inquilino que era sossegado como um rato.

Parecia realmente que sim.

Jed começou a descer as escadas, reparando com irritação que o corrimão não suportaria o peso de uma criança subnutrida. Os próprios degraus estavam escorregadios com a neve que continuava a cair do céu incolor. As traseiras do prédio eram quase tranquilas. Embora a frente desse para a movimentada South Street, Jed não achava que se fosse importar com o barulho e a atmosfera boémia, com os turistas e as lojas. Estava perto do rio o suficiente para dar passeios solitários quando lhe apetecesse.

De qualquer forma, seria uma mudança dramática em re-



lação aos relvados impecáveis de Chestnut Hill, onde a casa da família Skimmerhorn existia há dois séculos.

Através da penumbra podia ver o brilho de luzes coloridas penduradas nas janelas de edifícios vizinhos. Alguém tinha atado um enorme Pai Natal de plástico e as suas pequenas renas a um telhado, onde pareciam voar dia e noite.

Isso fê-lo lembrar-se de que Brent o convidara para o jantar de consoada. Um grande e barulhento acontecimento familiar que Jed poderia ter desfrutado no passado. Ele nunca tivera acontecimentos grandes e barulhentos na vida — nem algum que pudesse dizer-se divertido.

E agora não havia família. Família nenhuma.

Jed pressionou as pontas dos dedos contra a dor que sentia nas têmporas e obrigou-se a não pensar em Elaine. Mas as velhas lembranças, como o fantasma de pecados passados, intronmetiam-se e apertavam-lhe o estômago.

Atirou a última caixa para fora da bagageira e fechou-a com uma força que fez o restaurado *Thunderbird* tremer até aos pneus. Ele não ia pensar em Elaine, nem em Donny Speck nem em responsabilidades e remorsos. Ia simplesmente entrar, servir uma bebida e tentar não pensar em nada.

De olhos franzidos contra a neve, subiu os degraus íngremes uma última vez. A temperatura no interior era muito mais alta que o ar agreste no exterior. O senhorio era generoso com o aquecimento. Excessivamente generoso. Mas também não era problema de Jed o modo como o velhote gastava o dinheiro.

*Velhote engraçado, com a sua voz profunda, gestos teatrais e garrafinha prateada*, pensou Jed. Ele estivera mais interessado na opinião de Jed sobre dramaturgos do século XX do que nas referências e no cheque da renda.

Ainda assim, não se podia ser polícia quase metade da vida e não compreender que o mundo estava cheio de personagens estranhas.

Já dentro do apartamento, Jed largou a última caixa em cima da mesa de carvalho na zona de jantar. Vasculhou no papel de jornal amarrotado à procura da tal bebida. Ao contrário das caixas que estavam em armazém, aquelas não estavam marcadas nem tinham sido arrumadas de nenhuma forma especial. Se tinha havido algum gene prático no sangue dos Skimmerhorn, ele achava que Elaine tinha ficado com a parte dela e dele.

A nova lembrança da irmã fê-lo praguejar de novo e suavemente por entredentes. Ele era demasiado inteligente para deixar a lembrança criar raízes, pois se isso acontecesse desabrocharia com culpa. No último mês ele ficara bastante ciente de que a culpa podia provocar suores nocturnos e uma angustiante sensação de pânico.

Mãos suadas e pânico não eram qualidades desejáveis num polícia. Bem como a tendência para a raiva incontrollável. *Mas ele já não era um polícia*, lembrou a si mesmo. Como dissera à avó, o tempo e as escolhas eram suas.

O apartamento ecoava com o vazio, o que só serviu para o satisfazer por estar sozinho. Uma das razões por que ele o escolhera fora por ter apenas um vizinho para ignorar. A outra razão era igualmente simples e básica: era fabuloso.

Ele achava que tinha vivido tempo de mais com o que havia de melhor para não se sentir atraído por aquilo. Por mais que afirmasse que o que o rodeava não lhe interessava, ter-se-ia sentido bastante infeliz num condomínio vistoso ou num complexo de apartamentos sem alma.

Ele imaginava que o antigo edifício tivesse sido convertido numa loja e apartamentos por volta dos anos trinta. O prédio retivera os tectos altos e os quartos espaçosos, a lareira de serviço e as janelas altas e estreitas. O soalho de carvalho tinha sido extremamente polido para o novo inquilino.

Os acabamentos eram em nogueira, as paredes cor de marfim. O velhote garantira a Jed que podiam ser pintadas de acordo com o gosto dele, mas decoração era a última coisa na mente de Jed. Ficaria com as salas precisamente como estavam.

Abriu uma garrafa de *Jameson* quase cheia. Estudou-a por um momento e depois pousou-a em cima da mesa. Estava a pôr de parte papel de jornal em busca de um copo quando ouviu ruídos. As mãos paralisaram, o corpo preparou-se.

Inclinando a cabeça, virou-se, tentando localizar a origem do som. Pensou ter ouvido campainhas, um eco tilintante. E depois riso, sedutor e feminino.

Os olhos voltaram-se para a grelha de ventilação perto da lareira. Os sons fluíam através dela, alguns vagos, outros claros o suficiente para ele perceber palavras soltas se decidisse escutar.

Havia uma espécie de loja de antiguidades ou de curiosidades por baixo do apartamento. Estivera fechada nos últimos dois dias, mas aparentemente já estava a funcionar.

Jed voltou em busca do copo e desligou a mente dos sons que vinham lá debaixo.

— Agradeço imenso que tenhas vindo aqui ter connosco, John. — Dora pousou um candeeiro de globo acabado de adquirir ao lado da antiga caixa registadora.

— De nada. — John arquejou um pouco enquanto carregava outra caixa para o armazém sobrelotado. Era um homem alto e magro, com um rosto honesto e uns olhos claros e tímidos que viam o mundo por detrás de umas lentes espessas.

Vendia carros em Landsdowne e fora nomeado Vendedor do Ano dois anos seguidos por usar uma abordagem tímida e quase apologética que era da sua natureza e que encantava os clientes.

Naquele momento sorria para Dora e ajeitava os óculos de armação escura. — Como é que conseguiste comprar tanta coisa em tão pouco tempo?

— Experiência. — Ela teve de se pôr em bicos de pés para beijar a face de John e depois agachou-se e pegou no sobrinho mais novo, Michael. — Eh, cara de sapo, tiveste saudades minhas?

— Não. — Mas o menino sorriu e pôs os braços rechonchudos à volta do pescoço dela.

Lea virou-se para manter os olhos nos outros dois filhos. — Richie, mãos nos bolsos. Missy, nada de piruetas na loja.

— Mas, mamã...

— Ah!... — Lea suspirava, sorria. — Estou em casa. — Estendeu os braços para pegar em Michael. — Dora, precisas de mais ajuda?

— Não, já não. Mais uma vez, obrigada.

— Se tens a certeza. — Lea olhou dubiamente em volta. Era para ela um mistério como é que a irmã conseguia funcionar no meio de tanta confusão. Elas tinham crescido no caos,

com cada dia amanhecendo com um novo drama ou comédia. Para Lea, a única forma de permanecer sã enquanto adulta era a organização. — Eu podia mesmo vir amanhã.

— Não. É o teu dia de folga e eu tenciono deglutir a minha parte daqueles biscoitos que tu vais fazer. — Enquanto acompanhava a família até à porta, Dora enfiou um pacote de *M&M's* nas mãos da sobrinha. — Partilha — ordenou em voz baixa. — E não digas à mamã onde é que os arranjaste. — Passou a mão pelos cabelos de Richie. — Põe-te a andar, maroto.

Ele sorriu, mostrando o espaço que tinha falta de dois dentes da frente. — Podem vir aqui ladrões esta noite e roubar-te tudo. — Estendendo o braço, brincou com o longo pingente de citrina e ametista que ela tinha na orelha. — Se eu passasse a noite aqui, protegia-te deles.

— Obrigada, Richie — disse Dora em tom sério. — Não consigo dizer-te como fico contente com isso. Mas esta noite vou ter eu de me proteger dos meus ladrões. — Apressou a família a sair e depois começou imediatamente a trancar a porta, sabendo que Lea iria esperar até ela trancar todas as fechaduras e ligar o sistema de alarme.

Sozinha, virou-se e respirou fundo. Havia um aroma a maçã e pinho do *pot-pourri* espalhado por toda a loja. *Era bom estar de volta a casa*, pensou ela, levantando a caixa que continha as novas aquisições que ela decidira levar para o apartamento.

Depois atravessou o armazém para destrancar a porta que dava para a escada interior. Tinha de levar a caixa, a mala e o saco de viagem, assim como o casaco que despira ao entrar na loja. Resmungando para si mesma, conseguiu acender a luz das escadas com o ombro.

Ia a meio caminho do corredor quando viu luz no aparta-

mento vizinho. O novo inquilino. Ajeitando as coisas que levava nos braços, aproximou-se da porta que estava entreaberta com a ajuda de uma caixa e espreitou.

Viu Jed sentado a uma mesa antiga com uma garrafa numa mão e um copo na outra. O espaço estava parcamente mobilado com um sofá e uma cadeira almofadada.

Mas ela estava mais interessada no homem que estava de perfil para ela e que emborcava um longo gole de *whisky*.

Ele era alto, com uma constituição atlética que lhe lembrava um pugilista. Usava uma camisola azul com as mangas arregaçadas até aos cotovelos — nenhuma tatuagem visível — e calças de ganga usadas. O cabelo estava um pouco desalinhado, caindo descuidadamente sobre o pescoço num rico tom dourado.

Em contraste, o relógio no pulso ou era uma imitação espantosamente boa ou um *Rolex* genuíno.

Embora a apreciação dela tenha demorado apenas alguns segundos, Dora percebeu que o vizinho não estava a festejar a nova casa. A cara, sombreada pelas proeminentes maçãs-do-rostro e por um vestígio de barba, parecia triste.

Antes de ter produzido qualquer som, viu o corpo dele ficar tenso. A cabeça dele virou-se. Dora deu por si a contrariar o instinto de recuar em defesa quando ele a fitou com olhos duros, inexpressivos e chocantemente azuis.

— A porta estava aberta — disse ela desculpando-se, e ficou imediatamente irritada por fazê-lo, pois estava no seu próprio corredor.

— Pois. — Ele pousou a garrafa e levou o copo quando se dirigiu a ela. Jed fez também a sua análise. A maior parte do corpo dela estava escondido pela caixa enorme que ela carre-

gava. Um bonito rosto oval, ligeiramente pontiagudo no queixo, com uma tez tradicionalmente rosa e creme, uma boca ampla e sem batom que estava ligeiramente curvada num sorriso, olhos grandes castanhos, cheios de uma curiosidade amigável, cabelo negro ondulado.

— Sou a Dora — explicou enquanto ele continuou a fitá-la. — Moro aqui em frente. Precisa de alguma ajuda para se organizar?

— Não. — Jed afastou a caixa com o pé e fechou a porta na cara dela.

Ela ficou de boca aberta antes de a fechar deliberadamente. — Bem, bem-vindo ao bairro — murmurou ela entredentes enquanto se voltava para a sua porta. Depois de uma dificuldade inicial em encontrar as chaves, destrancou a porta e fechou-a com força depois de entrar. — Obrigadinha, papá — disse ela para o apartamento vazio. — Parece que me conseguiste um verdadeiro prémio.

Dora largou as coisas num sofá e passou impacientemente com os dedos pelo cabelo. O tipo podia ser agradável à vista, mas ela preferia um vizinho com um pouco de personalidade. Dirigindo-se ao telefone, decidiu ligar ao pai e dar-lhe um puxão de orelhas.

Antes de ter marcado o segundo algarismo, viu a folha de papel com uma cara alegre em forma de coração no fundo. Quentin Conroy acrescentava sempre um pequeno desenho — um barómetro do seu humor — nos bilhetes e cartas. Dora desligou o telefone e começou a ler:

*Izzy, minha querida filha.*

Dora estremeceu. O pai era a única alma no mundo que a chamava assim.

*Está feito. E bem feito, se queres saber a minha opinião. O teu novo inquilino é um jovem bem constituído que deverá poder ajudar-te com qualquer tarefa. O nome dele, como podes ver nas cópias de contrato que aguardam a tua assinatura, é Jed Skimmerhorn. Um nome poderoso que me traz à memória vigorosos capitães da marinha ou exploradores robustos. Achei-o fascinantemente taciturno e senti um redemoinho agitando-se sob aquelas águas paradas. Não pensei em nada melhor para oferecer à minha adorada filha do que um vizinho intrigante.*

*Bem-vinda a casa, minha primogénita.  
O teu pai dedicado.*

Dora não queria sentir-se divertida, mas não conseguiu deixar de sorrir. A jogada era tão óbvia. Pô-la a curta distância de um homem atraente e talvez, apenas talvez, ela se apaixonasse, se casasse e desse ao pai interesseiro mais netos para mimar.

— Desculpa, papá — murmurou. — Vais ter outra decepção.

Pondo o bilhete de lado, passou um dedo pelo contrato até encontrar a assinatura de Jed. Era um rabisco arrojado e ela escreveu o seu nome na linha ao lado em ambas as cópias. Pegando numa, dirigiu-se até à porta de casa a passos largos, atravessou o corredor e bateu à porta dele.

Quando a porta se abriu, Dora espetou o contrato, esma-



gando o canto contra o peito de Jed. — Vai precisar disto para os registos.

Ele aceitou-o. Os olhos baixaram, perscrutaram e depois ergueram-se de novo. Os olhos dela já não eram amistosos mas frios. O que lhe dava jeito. — Porque é que o velhote deixou isto consigo?

Ela empinou o queixo. — O velhote — disse ela suavemente — é meu pai. Eu sou a dona do prédio, o que faz de mim sua senhoria, senhor Skimmerhorn. — Ela deu meia volta e atravessou o corredor em duas passadas. Com a mão na maçaneta, parou e virou-se. O cabelo esvoaçou e assentou. — A renda é para pagar até ao dia vinte e um de cada mês. Pode enfiar o cheque por debaixo da minha porta e poupar um selo bem como qualquer contacto com outros seres humanos.

Entrou e fechou a porta.

### 3.

Quando Jed chegou às escadas que conduziam ao seu apartamento, já suara a maior parte das consequências físicas de meia garrafa de *whisky*. Um dos motivos que o levara a escolher aquela localização tinha sido o ginásio ao virar da esquina. Ele passara uns noventa minutos bastante satisfatórios naquela manhã a levantar pesos, a esmurrar o saco e a queimar a maior parte da dor de cabeça de ressaca na sauna.

Agora, sentindo-se quase humano, estava mortinho por uma chávena de café puro e um dos pequenos-almoços de microondas com que atulhara o frigorífico. Tirou

a chave do bolso das calças do fato de treino e entrou no corredor. Ouviu imediatamente a música. Não cânticos de Natal, graças a Deus, mas o som possante do *gospel* de Aretha Franklin.

*Pelo menos o gosto musical da senhoria não o ia irritar*, pensou, e teria ido directamente para o seu apartamento se não tivesse visto a porta dela aberta.

*Uma troca justa*, pensou Jed, e, enfiando as mãos nos bolsos, aproximou-se. Ele sabia que tinha sido propositadamente rude na noite anterior. E porque tinha sido deliberado, não via motivos para pedir desculpa. Ainda assim, achava mais sensato fazer algum tipo de pazes cautelosas com a mulher que era proprietária do prédio onde ele morava.

Empurrou ligeiramente a porta e espreitou.

Como o dele, o apartamento dela era espaçoso, com tecto alto e cheio de luz proveniente de um trio de janelas que davam para a frente. E as semelhanças acabavam aí.

Mesmo tendo crescido numa casa ricamente recheada, ficou pasmado. Nunca vira tanta coisa aglomerada num único sítio. Havia uma parede coberta de prateleiras de vidro atafalhadas com garrafas antigas, latas, estatuetas, caixas pintadas e várias bugigangas que ele não conseguia identificar. Havia algumas mesas e cada uma estava coberta com mais objectos de vidro e porcelana. Um sofá floral estava cheio de almofadas coloridas que condiziam com os tons suaves de um grande tapete de entrada. Um *Multan*, reconheceu ele. A sala de estar da casa da família dele tinha tido um semelhante desde sempre.

Para complementar a época, havia uma árvore perto da janela, cada ramo carregado com bolas coloridas e luzes.

Um trenó de madeira estava a abarrotar com pinhas. Um boneco de neve em cerâmica com um chapéu alto sorria para ele.

*Devia estar atafalhado*, pensou Jed. E devia certamente estar desarrumado. Mas não estava. Em vez disso ele tinha a sensação de ter aberto alguma arca mágica do tesouro.

E no meio de tudo aquilo estava a senhoria. Ela tinha um fato escarlate com uma saia curta travada e um casaco justo. Enquanto ela estava de costas para ele, ele contraiu os lábios e indagou-se em que condições tinha estado na noite anterior para não reparar naquele corpinho fantástico.

Ao som da voz rica de Aretha, ouviu Dora resmungar para si própria. Jed encostou-se à ombreira da porta quando ela pousou o quadro que tinha nas mãos no sofá e se virou. Para seu espanto, Dora conseguiu abafar a maior parte do guincho quando o viu.

— A porta estava aberta — disse-lhe ele.

— Pois. — Depois, como não era da sua natureza ser monossilábica como o inquilino, encolheu os ombros. — Esta manhã tenho estado a actualizar o inventário. Desde aqui até lá abaixo. — Afastou a franja. — Algum problema, senhor Skimmerhorn? Um cano roto? Ratos?

— Não, que eu tenha reparado.

— Ótimo. — Atravessou a sala e saiu do campo de visão dele, obrigando-o a entrar. Ela estava ao pé de uma mesa de casa de jantar a servir o que cheirava maravilhosamente a café forte, de uma cafeteira de porcelana para uma chávena do mesmo serviço. Dora pousou a cafeteira e ergueu uma sobrançelha. Os seus lábios estavam tão arrojadamente vermelhos como o fato. — Precisa de alguma coisa?

— Um pouco disso não me faria mal. — Ele acenou com a cabeça em direcção à cafeteira.

*Então ele já queria boa vizinhança*, pensou Dora. Sem dizer nada, dirigiu-se a um armário envidraçado e tirou mais uma chávena e um pires. — Leite? Açúcar?

— Não.

Como ele não avançou mais para dentro da sala, ela levou-lhe o café. Dora reparou que ele cheirava a sabonete. De uma forma atraente. Mas o pai tinha razão quanto aos olhos. Eram duros e impenetráveis.

— Obrigado. — Bebeu o conteúdo da frágil chávena em dois goles e devolveu-lha. Ele lembrava-se de que a mãe tivera um serviço igual, e que quebrara várias peças atirando-as aos criados. — O velho... o seu pai — corrigiu ele — disse que eu podia instalar o meu equipamento no apartamento ao lado. Mas como não é ele o responsável achei que devia confirmar consigo.

— Equipamento? — Dora pôs a chávena dele já vazia em cima da mesa e pegou na dela. — De que tipo?

— Um banco de musculação e alguns pesos.

— Oh. — Instintivamente, ela levou o olhar até aos braços dele e ao peito. — Não me parece que isso seja um problema. A não ser que faça muito barulho quando a loja estiver aberta.

— Eu vou ter cuidado com isso. — Jed olhou de volta para o quadro e estudou-o por um momento. Uma vez mais, arrojado, como o esquema de cores dela, como o perfume intenso que ela usava. — Sabe, isso está de cabeça para baixo.

O sorriso dela foi rápido e brilhante. De facto, ela tinha pousado a tela no sofá da forma como esta tinha estado

exposta no leilão. — Eu também acho. Vou pendurá-lo ao contrário.

Para demonstrar, dirigiu-se ao quadro e rodou-o. Jed semicerrou os olhos. — Assim está certo — concordou ele. — Continua feio, mas está no sentido correcto.

— A apreciação da arte é tão individual como a própria arte.

— Se assim o diz. Obrigado pelo café.

— Não tem de quê. Ah, Skimmerhorn?

Ele parou e olhou para trás por cima do ombro. O ténue vestígio de impaciência nos olhos dele intrigava-a mais do que teria intrigado qualquer sorriso amigável.

— Se está a pensar redecorar ou arranjar a sua nova casa, venha até à loja. A Sala da Dora tem coisas para toda a gente.

— Eu não preciso de nada. Obrigado pelo café.

Dora ainda estava a sorrir quando ouviu a porta dele fechar. — Errado, Skimmerhorn — murmurou ela. — Toda a gente precisa de alguma coisa.

\*

A arrefecer os calcanhares num escritório empoeirado e a ouvir os Beach Boys a harmonizar «Little St. Nick» não era como Anthony DiCarlo tinha imaginado passar aquela manhã. Ele queria respostas, e queria-as já.

Ou, mais correctamente, Finley queria respostas, e queria-as para ontem. DiCarlo puxou a gravata de seda. Ele ainda não tinha respostas, mas iria ter. O telefonema de Los Angeles no dia anterior tinha sido transparente como água. Encontrar

a mercadoria, dentro de vinte e quatro horas, ou sofrer as consequências.

DiCarlo não tinha intenção de descobrir quais seriam essas consequências.

Olhou para o grande relógio branco na parede e viu o ponteiro dos minutos passar das 9:04 para as 9:05. Faltavam-lhe menos de quinze horas. As palmas das mãos estavam suadas.

Através do amplo painel de vidro com um enorme autocolante do Pai Natal com os seus laboriosos duendes conseguia ver mais de uma dúzia de funcionários atarefados a carimbar e a arrastar mercadoria.

DiCarlo fez um sorriso escarninho quando o tremendamente obeso supervisor marítimo com um chinó incrivelmente horrível se aproximou da porta.

— Senhor DiCarlo, desculpe tê-lo feito esperar. — Bill Tarkington tinha um sorriso cansado no rosto pastoso. — Como poderá calcular, nesta altura temos muito trabalho. No entanto, não me posso queixar, não senhor, não me posso queixar. O negócio está a prosperar.

— Estou à espera há quinze minutos, senhor Tarkington — disse DiCarlo, claramente furioso. — Não tenho tempo a perder.

— Quem tem, nesta altura do ano? — Persistentemente agradável, Tarkington deslocou-se à volta da sua mesa e dirigiu-se à máquina do café. — Sente-se. Deseja um pouco deste café? Faz crescer pêlos no peito.

— Não. Houve um erro, senhor Tarkington. Um erro que tem de ser imediatamente corrigido.

— Bem, veremos o que podemos fazer. Pode ser mais específico?

— A mercadoria que eu enviei para Abel Winesap em Los Angeles não foi a mercadoria que chegou a Los Angeles. Isso é suficientemente específico para si?

Tarkington puxou o saliente lábio inferior. — Isso é muito estranho. Tem a cópia da factura de expedição consigo?

— Claro. — DiCarlo tirou o papel dobrado do bolso do peito do casaco.

— Vejamos. — Os dedos gordos moviam-se com uma graça rápida e estranha enquanto ele ligava o computador. — Vejamos então. — Premiu mais algumas teclas. — Devia ter embarcado no dia dezassete de Dezembro... Sim, ali está. Seguiu sem problemas. Devia ter chegado ontem, ou hoje, na pior das hipóteses.

DiCarlo passou uma mão pelo cabelo negro ondulado. *Idiotas*, pensou. Estava rodeado de idiotas. — A remessa chegou. Estava incorrecta.

— Está a dizer que o pacote que chegou a Los Angeles estava destinada a outro local?

— Não. Estou a dizer que o que estava *dentro* do pacote estava errado.

— Isso é muito esquisito. — Tarkington bebeu um pouco de café. — O pacote foi feito aqui? Ah, espere, espere. Eu lembro-me. — Fez um aceno com a mão para DiCarlo se calar. — Nós fornecemos a caixa e empacotámos, e o senhor supervisionou. Por isso como é possível que a mercadoria tenha sido trocada?

— É essa a minha pergunta — silvou DiCarlo, batendo com a mão na mesa.

— Ora, ora, vamos manter a calma. — Determinadamente afável, Tarkington premiu mais algumas teclas. — Aquele

carregamento saiu da secção três. Vejamos quem estava lá naquele dia. Ah, cá está. Parece que era a Opal. — Olhou para DiCarlo. — Boa trabalhadora, a Opal. E uma senhora muito simpática. Anda a passar por um mau bocado.

— Não estou interessado na vida pessoal dela. Quero falar com ela.

Tarkington chegou-se à frente e carregou num botão sobre a mesa. — Opal Johnson, por favor dirija-se ao gabinete do senhor Tarkington. — Desligou o botão e depois deu umas pancadinhas no chinó para garantir que ainda estava no sítio. — Tem a certeza de que não quer café? Talvez um *donut*? — Abriu a tampa de uma caixa de cartão. — Hoje trouxe uns com recheio de geleia de framboesa. E uns de chocolate.

DiCarlo bufou com força e virou a cara. Com um encolhimento de ombros, Tarkington serviu-se de um *donut*.

DiCarlo cerrou os punhos quando uma alta e atraente mulher negra atravessou a passos largos o armazém. Usava umas calças de ganga justas, uma camisola verde-vivo e uma bolsa de cintura da *Nike*. Tinha o cabelo preso atrás num rabo-de-cavalo encaracolado e apresentava marcas amareladas de antigas nódoas negras em volta do olho esquerdo.

Opal abriu a porta e espreitou. A sala encheu-se imediatamente com o barulho de tapetes rolantes e o aroma de nervos. — Chamou-me, senhor Tarkington?

— Sim, Opal. Entra um minuto. Queres café?

— Sim, pode ser. — Enquanto fechava a porta, Opal olhou de passagem para DiCarlo enquanto as hipóteses lhe passavam pela mente.

Iam despedi-la. Iam despedi-la naquele instante porque ela tinha deixado acumular trabalho na semana anterior de-



pois de Curtis lhe ter batido. O estranho devia ser um dos donos e tinha ido lá informá-la. Ela tirou um cigarro da bolsa e acendeu-o com mãos trémulas.

— Temos aqui um problemazito, Opal.

A garganta dela pareceu encher-se de areia. — Sim, senhor?

— Este é o senhor DiCarlo. Ele enviou um carregamento na semana passada, na tua linha.

O rápido ataque de pânico fez Opal engasgar-se com fumo. — Tivemos muitos carregamentos na semana passada, senhor Tarkington.

— Sim, mas quando o carregamento chegou a mercadoria estava incorrecta. — Tarkington suspirou.

Com o coração palpitando no pescoço, Opal olhou fixamente para o chão. — Eu mandei-a para o sítio errado?

— Não, chegou ao sítio certo, mas o que estava dentro da caixa estava errado, e como o senhor DiCarlo verificou pessoalmente o empacotamento, estamos perplexos. Pensei que talvez te lembrasses de alguma coisa.

Ela sentia um ardor no estômago, em volta do coração, atrás dos olhos. O pesadelo que a perseguia há quase uma semana estava a tornar-se realidade. — Desculpe, senhor Tarkington — forçou-se a dizer. — É difícil lembrar-me de qualquer carregamento. Tudo de que me lembro acerca da semana passada foi de ter feito três turnos duplos e de ter ido para casa pôr os pés de molho todas as noites.

*Ela estava a mentir*, decidiu DiCarlo. Podia ver nos olhos dela, na postura do corpo, e aguardou a sua vez.

— Bem, valeu a pena tentar. — Tarkington gesticulou expansivamente. — Se te lembrares de alguma coisa, diz-me. Ok?

— Sim, senhor. — Ela esmagou o cigarro num cinzeiro metálico dentado que estava sobre a mesa de Tarkington e apressou-se a voltar ao seu posto.

— Vamos tentar localizar isto, senhor DiCarlo. Com carácter de urgência. A Premium orgulha-se de satisfazer os seus clientes. Das nossas mãos para as vossas, com um sorriso — disse ele, citando o lema da companhia.

— Certo. — Ele já não estava interessado em Tarkington, embora lhe tivesse dado algum gosto enfiar os punhos na barriga saliente do homem. — E se quiserem continuar a usufruir da protecção da E. F., Incorporated, vão descobrir o que se passou.

DiCarlo circundou a barulhenta sala de embarque e dirigiu-se ao posto de Opal. Ela viu-o aproximar-se com nervosismo nos olhos. O coração batia dolorosamente contra as costelas quando ele parou ao lado dela.

— A que horas é a sua pausa para almoço?

Surpreendida, ela quase deixou cair uma caixa de utensílios de cozinha. — Às onze e meia.

— Encontramo-nos lá fora, entrada principal.

— Eu como na cafetaria.

— Hoje não — disse suavemente DiCarlo. — Não, se estiver interessada em manter este trabalho. Onze e meia — acrescentou ele, e afastou-se.

\*

Ela tinha medo de o ignorar e medo de lhe obedecer. Às onze e meia, Opal vestiu a parka verde-azeitona e dirigiu-se à entrada dos empregados. Só esperava que quando desse a volta ao edifício já tivesse conseguido acalmar-se.

Ela teria preferido simplesmente não almoçar. O queque que comera naquela manhã ameaçava voltar a dar o ar de sua graça.

*Não admitas nada*, pensou enquanto caminhava. *Eles não podem provar que cometeste um erro se não o admitires*. Se ela perdesse o emprego, teria de voltar à assistência social. Mesmo que o seu orgulho aguentasse, ela não sabia se os filhos aguentariam.

Opal viu DiCarlo encostado ao capô de um *Porsche* vermelho. O carro era deslumbrante o suficiente, mas o homem — alto, moreno, atraente e envolto num casaco de caxemira cinza-claro — lembrava-lhe uma estrela de cinema. Apavorada, espantada e intimidada, aproximou-se dele de cabeça baixa.

DiCarlo não disse nada e abriu simplesmente a porta ao lado do condutor. A boca dele estremeceu quando ele ouviu o suspiro instintivo que ela fez ao deslizar para o banco de cabeçal. Ele sentou-se atrás do volante e rodou a chave.

— Senhor DiCarlo, eu gostava realmente de o ajudar em relação àquele carregamento. Eu...

— Você vai ajudar-me. — DiCarlo meteu a primeira e o carro saiu disparado da Premium como uma bala vermelha. Ele já tinha decidido o que fazer com ela e deu dois minutos inteiros de silêncio a Opal para a enervar ainda mais. Reprimiu um sorriso de satisfação quando ela quebrou o silêncio.

— Aonde é que vamos?

— A nenhum lugar em particular.

Apesar da emoção de andar num carro de primeira classe, ela humedeceu os lábios secos. — Tenho de regressar daqui a meia hora.

Ele não disse nada e continuou a conduzir depressa.

— Para que é isto?

— Bem, eu digo-lhe, Opal. Achei que podíamos entender-nos melhor longe do seu ambiente de trabalho. Imagino que tenha andado um pouco desassossegada nas últimas semanas.

— Acho que sim. A agitação do Natal.

— E imagino que saiba exactamente o que aconteceu à minha encomenda.

O estômago dela deu um salto. — Olhe, eu já lhe disse que não sei o que aconteceu. Só faço o meu trabalho o melhor que posso.

Ele guinou o carro numa curva apertada à direita fazendo com que os olhos dela quase saltassem das órbitas. — Ambos sabemos que não fui eu que meti o pé na argola, querida. Podemos fazer isto da maneira fácil, ou da maneira difícil.

— Eu... eu não sei o que quer dizer.

— Sabe, sim. — A voz dele tinha o mesmo ruído perigoso que o motor do *Porsche*. — Sabe muito bem o que eu quero dizer. O que aconteceu, Opal? Gostou do que estava dentro da caixa e decidiu servir-se? Um bónus de Natal adiantado?

Ela ficou tensa e algum do medo escapou em fúria. — Não sou nenhuma ladra! Nunca roubei nem sequer um lápis na minha vida. Agora pode voltar para trás, senhor Manda-Chuva!

Era precisamente aquele tipo de insolência — como Curtis gostava de dizer — que lhe valera as nódoas negras e os ossos partidos. Lembrando-se disso, encolheu-se contra a porta ao proferir a última palavra.

— Talvez não tenha roubado nada — concordou ele depois de ela começar a tremer novamente. — E isso vai fazer-me lamentar muito apresentar queixa contra si.

A garganta dela fechou-se. — Apresentar queixa? O que quer dizer com isso?

— Mercadoria, que o meu cliente considera valiosa, desapareceu. A polícia vai ficar interessada em saber o que aconteceu àquele carregamento quando chegou às suas mãos. E, mesmo que esteja inocente, isso vai deixar um grande ponto de interrogação na sua folha de serviço.

O pânico martelava-lhe na base do crânio. — Eu nem sei o que estava na caixa. Só a expedi. Foi só isso que fiz.

— Ambos sabemos que isso é mentira. — DiCarlo estacionou no parque de uma loja de conveniência. Ele podia ver que os olhos dela estavam cheios de lágrimas e que as mãos torciam a alça da mala. *Está quase*, pensou ele, e ajeitou-se no banco para lhe lançar um olhar frio e implacável.

— Você quer proteger o seu trabalho, não quer, Opal? Não quer ser despedida nem presa, pois não?

— Eu tenho filhos. — Ela começou a soluçar quando brotaram as primeiras lágrimas. — Eu tenho filhos.

— Então é melhor pensar neles e no que lhes poderia acontecer se se metesse neste tipo de trabalhos. O meu patrão é um homem duro. — Os olhos dele passaram pelas equimoses ainda visíveis no rosto dela. — Sabe bem o que são homens duros, não sabe?

Ela levou defensivamente uma mão à face. — Eu... eu cáí.

— Claro que caiu. Tropeçou no punho de alguém, certo? — Como ela não respondeu, ele continuou a pressionar, mas mais levemente: — Se o meu patrão não recuperar o que lhe pertence, ele não vai descarregar apenas em cima de mim. Ele vai vasculhar a Premium até chegar a si.

*Eles iam descobrir*, pensou ela em pânico. Descobriam sempre. — Eu não roubei as coisas dele, não roubei. Eu só...

— Só o quê? — DiCarlo teve de se conter para não se atirar ao pescoço dela para espremer o resto.

— Eu estou há três anos na Premium. — Fungando, ela tirou um lenço de papel da mala. — Podia chegar a supervisora de secção no próximo ano.

DiCarlo reprimiu uma série de insultos e obrigou-se a manter a calma. — Escute, eu sei como é subir essa escada. Se me ajudar, eu farei o mesmo por si. Não vejo nenhum motivo para aquilo que me disser sair daqui. Foi por isso que não fiz isto no gabinete do Tarkington.

Opal tirou um cigarro da mala. Automaticamente, DiCarlo abriu um bocado as janelas. — Não vai contar ao senhor Tarkington?

— Não, se for sincera comigo. De contrário... — Para acrescentar impacto, DiCarlo deslizou os dedos por debaixo do queixo dela e virou-lhe a cara para ele.

— Desculpe. Lamento muito aquilo ter acontecido. Achei que tinha conseguido resolver as coisas, mas não tinha a certeza. E tive medo. Tive de faltar dois dias o mês passado porque o meu mais novo estava doente, e a semana passada atrasei-me um dia porque tinha caído e... e estava com tanta pressa que misturei as facturas. — Ela virou a cara e preparou-se para o impacto. — Deixei-as cair. Estava zozna e deixei-as cair. Achei que tinha voltado a colocar tudo no sítio, mas não tinha a certeza. Mas ontem verifiquei algumas entregas e estavam certas. Por isso pensei que não tinha havido problema e que ninguém ia ficar a saber.

— Misturou as facturas — repetiu ele. — Um funcionário

idiota tem uma tontura e mistura a papelada, e eu é que pago as favas!

— Desculpe. — Ela soluçava. Talvez ele não fosse bater-lhe, mas ia fazê-la pagar. — Lamento imenso.

— Vai lamentar muito mais se não descobrir para onde foi a mercadoria.

— Eu estive a verificar a papelada toda ontem. Só havia mais uma encomenda de proporções grandes. — Ainda a chorar, enfiou de novo a mão na mala. — Anotei a morada, senhor DiCarlo. — Ela tirou o papel da mala e ele arrancou-lho.

— Sherman Porter, Front Royal, Virgínia.

— Por favor, senhor DiCarlo, eu tenho filhos. — Limpou as lágrimas dos olhos. — Eu sei que cometi um erro, mas tenho feito um trabalho muito bom na Premium. Não posso dar-me ao luxo de ser despedida.

Ele meteu o papel no bolso. — Eu vou verificar isto e depois veremos.

O queixo dela caiu com o peso da esperança. — Então não vai dizer nada ao senhor Tarkington?

— Eu disse que depois veremos. — DiCarlo ligou o motor enquanto planeava os passos seguintes. Se as coisas não corressem como ele gostaria, voltaria a procurar Opal e não seria apenas a cara dela que ele deixaria negra e azul.